

Conhecer para Conservar - Museu da Amazônia (MUSA)

*Carolina Cristina Fernandes**

Resumo

O Fundo Amazônia tem como finalidade o combate ao desmatamento das florestas na Amazônia. Dentre os projetos financiados pelo Fundo, o presente estudo tem como objeto de pesquisa o projeto “Conhecer para Conservar” cuja instituição proponente é o Museu da Amazônia (MUSA), sendo o Prof. Ennio Candotti o seu diretor-geral e também redator da proposta encaminhada ao BNDES. A verba destinada a ele é de R\$ 8.454.421,00 e desse valor 68% já foi liberado. A proposta é, através da visitação, estimular o conhecimento pelo encantamento causado pelo museu. Com a geração do conhecimento, mostrar que a floresta em pé vale mais do que o hectare dela nua ou mesmo com soja, gado e com isso combater o desmatamento. Ainda não se pode medir se o proposto pelo projeto foi alcançado, pois o museu ainda não está aberto à visitação e uma das causas que impede essa abertura é o fato do museu estar localizado na Reserva Ducke na zona leste da cidade de Manaus, local este de grande periculosidade. A recomendação dada após o estudo, é a busca de parcerias com o poder público para que seja sanado o déficit de segurança no entorno do museu.

Abstract

The Amazon Fund aims to combat deforestation in the Amazon. Among the projects financed by the Fund, the present study as a research project "Learning to Conserve" whose proponent institution is the Museum of the Amazon (MUSA), and its Director General and also editor of the proposal submitted to BNDES Prof. Ennio Candotti. The amount allocated to it is R \$ 8,454,421.00 and 68% of this amount has already been released. The purpose of the museum is through visitation, foster knowledge by enchantment caused by the museum. With the generation of knowledge, to show that standing forest is worth more than a hectare of her naked or even with soybeans, cattle and thereby combat deforestation. Still cannot measure whether the proposed project was achieved because the museum is not yet open for visitors and one of the reasons that prevents this opening is the fact that the museum be located in the Ducke Reserve in the eastern city of Manaus, the place highly dangerous. The recommendation given after the study, is seeking partnerships with the government to be remedied the shortfall security surrounding the museum.

* Mestranda em Administração – FEA/USP

1. Descrição do projeto com ênfase nos objetivos e metas do projeto

O Fundo Amazônia tem por finalidade captar recursos para o monitoramento e combate ao desmatamento, e de promoção da conservação e do uso sustentável das florestas na Amazônia. Ele é gerido pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, que tem a função de captar recursos, contratar e monitorar os projetos e ações apoiadas. Dentre os projetos está o “Conhecer para Conservar”, escolhido para o presente estudo. É uma iniciativa proposta pelo Museu da Amazônia (MUSA), que tem como diretor-geral o professor Ennio Candotti, também redator da proposta enviada ao BNDES.

De acordo com Ennio Candotti, foi escolhido um museu para o projeto, pois na Europa os principais museus possuem pavilhões dedicados a Amazônia, reconstruindo os ambientes, climatizando em áreas protegidas com mostras da fauna e da flora. Para Ennio, como já temos a floresta natural, falta-nos apenas a arquibancada para observá-la museologicamente, ou seja, ao contrário da Europa, precisamos saber o que fazer para que esse espetáculo ou realidade – que não é virtual, artificial ou sustentada por condicionadores de ar – possa ser observada em sua máxima expressão. O ponto de partida foi musealizar uma amostra da floresta Amazônica.

Segundo o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), em 1956 foi definido que:

“Museu é um estabelecimento de caráter permanente, administrado para interesse geral, com a finalidade de conservar, estudar, valorizar de diversas maneiras o conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos, zoológicos e aquários”.

Uma definição mais recente, aprovada pela 20ª Assembleia Geral, em Barcelona, Espanha, no dia 6 de julho de 2001, diz que Museu é:

“Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade”. (IBRAM)

Assim, temos nos museus um espaço onde alunos, professores e pesquisadores podem buscar, produzir e divulgar o conhecimento. “Museus são espaços de prazer, de descoberta, de gosto pelo saber. Querem provocar o visitante, instigar a pesquisa”. (YUNES, 2010, p.1)

No estado do Amazonas existem 32 museus públicos e privados, sendo 28 localizados na região da capital Manaus, sem contar as galerias de arte, jardins

botânico e zoológico reconhecidos pela nova museologia, conforme definição acima.

No entanto, como a floresta é real, ela tem uma história, tem gente que ali vive há milhares de anos, tem culturas e diferentes línguas, a terra foi trabalhada, a floresta em boa parte é produto de manejo humano que mostra sua presença e revelam que toda a superfície já foi mexida pela presença humana, tem sítios arqueológicos, uma história geológica complexa da região, aquíferos, portanto, o museu deve incluir todas essas dimensões no projeto, o que torna a missão quase impossível, desafiadora.

O MUSA tem como proposta, preencher uma lacuna que é mostrar o que existe na Amazônia. Segundo Ennio,

“Museus na Amazônia existem, mas a Amazônia nos museus quase não há. O nosso projeto procura mudar a ordem dos fatores, ou seja, nós queremos que os objetos da Amazônia – a floresta, o homem, a cultura, a água – sejam vistos como se olha para uma vitrine de museu. Não vemos um esqueleto de dinossauro em museus? Nós temos dinossauros vivos - os macacos, as formigas, peixe-boi, pirarucus, a floresta. É só preparar a “vitrine” adequada para vê-los. O nosso desafio é mostrar ao visitante a natureza onde ela está”.

Os propósitos estabelecidos na criação do Museu foram divulgar e valorizar a floresta, de modo que se possa interferir ou romper, questionar ou denunciar este crime que é trocar a floresta pela terra na qual ela está instalada; a devastação da floresta se deve, antes de mais nada, ao fato de não sermos capazes de mostrar que o metro quadrado/hectare da floresta em pé vale mais do que a terra que a sustenta, mesmo sendo cultivada com soja ou grãos comerciáveis ou pela criação de gado. No geral, substitui-se um hectare da floresta por um pasto para sustentar uma cabeça de gado e isso é um crime, pois a floresta em pé tem uma riqueza de informações, abrigando interações entre plantas, insetos em grande parte desconhecida, ainda pouco estudada, mas que vale (científica e economicamente) muito mais do que o pedaço de terra que a sustenta. Essa é a razão pela qual se decidiu criar o MUSA. Ele deveria servir para ajudar a contribuir não apenas nas pesquisas que visem esclarecer esses fenômenos, mas também a divulgá-los. É um grande desafio mostrar para todos que estamos destruindo alguma coisa que não conhecemos, esse é o propósito maior.

O objetivo proposto pelo projeto é imaginar perguntas e propor respostas e, para cumprir esse objetivo, será preciso interagir com a natureza através dos sentidos como o tato e a visão. Serão utilizados instrumentos como microscópios, lupas e micro câmeras para estimular a curiosidade do visitante. O visitante sairá do papel de observador para entender como um pássaro nos enxerga, por exemplo. O convite que o MUSA faz aos seus visitantes é para eles adentrarem a floresta e

conhecerem um verdadeiro museu vivo.

Os componentes dessa Rede serão: trilhas, passarelas e estações; exposições e oficinas; um aquário; arenas e teatros interativos; laboratórios de pesquisa e pós-graduação; um Instituto de Estudos Avançados; um centro de divulgação e comunicação, Oficinas de Ciências, Culturas e Artes, as unidades associadas e as unidades itinerantes.

Para isso, serão criados museus não só na Amazônia brasileira, mas também na dos países vizinhos. Serão criados nas aldeias, nos municípios e nas comunidades ribeirinhas da região amazônica, com o objetivo de promover o intercâmbio e a conservação do material museológico.

A iniciativa surgiu de proposta pessoal do próprio Ennio Candotti para a Reitoria da Universidade Federal do Amazonas e para o Governo do Estado. A proposta foi aceita e Ennio transferiu-se para Manaus. No primeiro ano, para a criação e implantação do museu, teve um investimento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), de mais de R\$ 350 mil, com um aporte adicional de R\$ 100 mil. Além dessa verba, contou com R\$ 6 milhões de investimentos do Governo do Estado; R\$ 2 milhões do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT); e, também, teve a contribuição da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

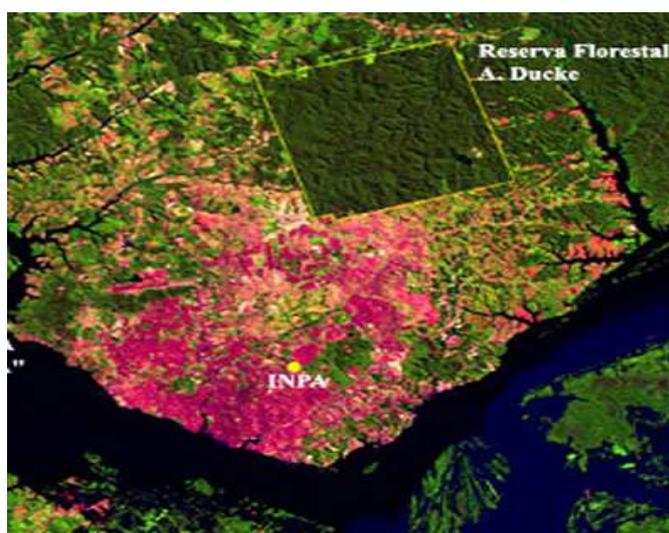
Ele foi estruturado pelo Conselho de Administração, diretores, operacionais e um pequeno aporte de técnicos (biólogos, geólogos) que orientam a construção do sistema de divulgação na preparação de material para ser disponibilizado em *tablets* para orientar os condutores, equipe de monitores, equipe de infraestrutura e manutenção - todas as exposições são montadas com pessoas do museu. A equipe foi formada por meio de convites pessoais e editais na internet para o processo seletivo.

No início o MUSA deveria ser instalado a 500 metros de onde está hoje, mas por causa do esgoto que era depositado na área ele foi para o local atual, tendo sido reconstruídos os prédios já existentes que estavam degradados. O esgoto que ainda deságua nos igarapés da Reserva Ducke é um dos impeditivos para a abertura oficial do museu, ou seja, para colocá-lo no roteiro turístico da cidade de Manaus.

A execução do MUSA não está completa, pois ele ainda está em construção. A primeira etapa foi ter a concessão do terreno para que ele fosse construído com os recursos disponibilizados pelo BNDES. Ele é uma organização de direito privado, da qual fazem parte por volta de 180 sócios que elegeram representantes que formaram o conselho de administração. Com isso começaram a construção da infraestrutura do museu, como os laboratórios, e foram ocupadas as áreas já construídas pela prefeitura no Jardim Botânico, que estavam bastante degradadas.

2. Descrição da instituição proponente

O MUSA foi criado em 2009, na zona leste da cidade de Manaus, e ocupará 100 hectares da reserva Adolfo Ducke, uma área de floresta de terra firme nativa que vem sendo estudada por cientistas do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) há mais de 30 anos.



A área (Reserva Ducke) do museu foi escolhida por se tratar de uma área de floresta primária e, portanto, ter uma história milenar que está escondida. Optando-se por outro pedaço a terra seria secundária e perder-se-ia a história real de dez mil anos. Precisava ser uma área autêntica e original para manter essa história.

Além disso, os catálogos das espécies que estão na reserva, tanto botânica, animais, insetos e aves estão registrados e publicados. Eles são fornecidos para o MUSA e de propriedade do INPA e são transformados em informações para os estudos e exposições do museu.

A relação entre o MUSA e o Museu Amazônico é apenas complementar. Quando o MUSA nasceu o Museu Amazônico atravessava profunda crise, estava paralisado por razões próprias. Hoje, passados cinco anos, o Museu se recuperou. A Universidade Federal, onde está instalado, voltou a se interessar por ele, que é um museu de acervo, mais tradicional, realiza exposições, também interessado em valorizar a cultura. Possui acervo muito bom de peças, objetos de índios, documento da história da Amazônia, biblioteca para preservar e recuperar esses documentos, arqueologia, mas é diferente do MUSA que é um museu vivo, e não faz exposições de peças, mas exposições para mostrar a vida na floresta. Apesar do grande

interesse nas peças, o MUSA não faz a recuperação delas. A tônica dele é o museu vivo, dar a resposta à pergunta, que a floresta em pé vale mais que a floresta derrubada.

3. Descrição do estágio atual do projeto

O projeto foi contratado em 30/11/2010, tendo recebido seu primeiro desembolso, no valor de R\$ 2.436.885,00, no dia 04/10/2011. O museu foi criado em janeiro de 2009 e passa por um processo de expansão. Ocupará 100 hectares da reserva, como dito anteriormente. Em março de 2013 recebeu o segundo desembolso, no valor de R\$ 3.282.419,00. Até o agosto de 2013 obteve 68% da verba destinada a ele.

A proposta do projeto é criar uma rede de museus, não só na Amazônia brasileira, como na dos países vizinhos, que possuem 40% desse Bioma. A sede dessa rede é, o já existente, MUSA, que possui seis projetos em andamento e exposições para divulgar o conhecimento e destacar a importância da preservação da floresta e da cultura regional, apesar dele ainda não estar aberto para o público em geral.

O MUSA conta com os seguintes projetos: Céu da Amazônia (registrar e apresentar os conhecimentos astronômicos dos povos da Amazônia e sua relação com o ambiente em que vivem); Ciência às 7 e meia (leva ao teatro palestras e oficinas sobre temas científicos); Criadouro Experimental de Borboletas; Museu imaginário (unir, em um só espaço, as vozes daqueles que se interessam em pensar a Amazônia); Saberes e Sabores (cultivo de hortaliças não convencionais) e Verde Perto (programa de educação ambiental). Além disso, conta com as atuais exposições: “Peixe e Gente” e “Sapos, Peixes e Musgos: A vida entre a terra e a água na Reserva de Ducke”.

No assentamento Água Branca, cujo objetivo é desenvolver/induzir um tipo de agricultura, estimulando competências para cultivar hortaliças ou produtos compatíveis com a floresta em pé, sem precisar desmatar, conseguir obter em pequenas áreas o cultivo de produtos, hortaliças, tubérculos que sejam comestíveis e cresçam bem, ou seja, sem o uso de agrotóxicos, que se adaptem à temperatura elevada e por causa as pragas se multiplicam complicando o cultivo, já existem algumas culturas/produtos sendo produzidos e que são vendidos em feiras quinzenais de produtos orgânicos, sendo que os moradores do local estão obtendo renda sem precisar desmatar.

4. Análise do projeto com foco em métricas

Os resultados esperados pelo projeto são: maior interesse pelo turismo ambiental; maior sensibilização da população local e de turistas para as questões da sociobiodiversidade amazônica; divulgação do conhecimento produzido por instituições de pesquisa da Amazônia; conservação do corredor ecológico do Assentamento Água Branca, evitando a fragmentação florestal da Reserva Ducke de dez mil hectares e a capacitação de recursos humanos em diferentes níveis para viabilizar atividades extrativistas e de manejo, gestão e conservação ambiental.

O projeto ainda não tem uma avaliação, pois está em fase de ensaio, segundo Ennio. Ainda não teve início a fase de visitação ao MUSA, estão fazendo os últimos ajustes, falta ainda um pouco de iluminação, ajustes no som, os catálogos ainda não estão prontos. Não é possível ter critérios de avaliação sem as visitas estarem abertas.

O BNDES tem uma avaliação, sendo dado como cumprido o que foi proposto, até mesmo pela liberação das parcelas da verba. Essa avaliação é da estrutura física e não da conceitual que ainda está sendo implantada. Aquilo que se propuseram a fazer é dimensionado e está sendo cumprido; tem-se a possibilidade de propor novas fases, mas o museu quer antes terminar essa.

Ainda não se pode medir o interesse dos turistas pelas visitas e, conseqüente encantamento proposto pelo museu, por exemplo, por diferentes motivos. Ainda não está aberta à visitação ao museu, a área em que ele está situado é uma área muito violenta e enquanto não houver uma participação das autoridades públicas para segurança o museu não poderá ser aberto para a visitação do público. O museu não tem suporte para atender os turistas com segurança e essa acaba sendo a maior restrição para sua abertura.

Para medir a redução do desmatamento é preciso que o museu esteja aberto para a visitação com os propósitos estabelecidos em funcionamento. A previsão para essa mensuração é de aproximadamente dez anos.

Por enquanto, o que estão fazendo e pode ser medido, pelo menos pelo fato de a cidade não ter invadido o local, é procurar manter um corredor de floresta entre a Reserva Duke o Centro de Operações do Exército, que são áreas de floresta primária, e para isso foi instalado o assentamento Água Branca, parte da proposta do MUSA. Se o projeto conseguir fazer com que essa área seja protegida, as duas reservas ganham um valor ecológico e ambiental muito grande. Para Manaus obter um Selo Verde é importante que essas áreas se juntem para dizer que existe uma área contínua de floresta primária ainda no município; no entanto, há uma forte pressão para desmatar o local por causa do crescimento da cidade.

5. Análise do projeto e sua relação com o BNDES

O motivo para o aceite do BNDES foram as informações e os conhecimentos presentes que a floresta pode oferecer para além dos produtos de extração. Informações do micro e do macro mundo e suas interações principalmente, ou seja, o mote é se o MUSA mostrar que um hectare de floresta em pé vale mais que o hectare de terra, ninguém mais vai derrubar floresta. Segundo Ennio, se ela é destruída é por que a terra nua vale mais do que a com floresta. Isso significa que não se extraiu da floresta, ainda, informações ou joias ou ouros de valor de mercado superior aos da terra. Para inverter essa matriz precisamos investir em estudos.

O Fundo financia a infraestrutura que está sendo construída no Jardim Botânico, como uma torre de observação de aproximadamente de 40 metros de altura com uma escadaria, que do alto possibilita ver toda a floresta da Reserva Ducke, e os laboratórios e casas de observação onde serão instalados equipamentos para observar insetos. O projeto tem uma segunda instalação fora da Reserva, como já citado anteriormente, na área do Poraquequara em que está sendo construído um Centro de Agroecologia, com laboratório, local para pernoite, estudos e um assentamento do INCRA.

O BNDES aceitou o projeto e não interferiu mais, ou seja, se o projeto foi aceito eles não interferem. O MUSA ainda não completou o ciclo para avaliações mais profundas.

Não se discutiu sobre a qualidade do projeto com o Fundo Amazônia. O objetivo do Fundo é evitar o desmatamento, isso não acontece comprando produtos naturais, para isso é preciso dar valor à floresta e não derrubá-la. Isto é difícil, quem desmata é o agricultor e o museu quer que ela seja valorizada por uma indústria sofisticada de biotecnologia como a farmacêutica, de veneno; um exemplo disso é que um grama de veneno de aranha equivale a 10 cabeças de gado.

E é essa a questão do projeto, estimular o conhecimento para essa preservação. A tônica é conhecer mais, valorizar as informações, os conhecimentos que podem ser extraídos das florestas e não tanto os produtos primários que a floresta possa oferecer.

6. Recomendações para o projeto estudado e seus desafios

Museu é uma coleção organizada segundo critérios preestabelecidos e um dos desafios do MUSA é ser considerado como museu, já que se trata de um museu vivo em que não consegue ser organizado pelos critérios determinados. .

Outro desafio, e o mais relevante, é o apoio da Prefeitura para a segurança do local. O museu não pode fazer sua divulgação turística por estar em um local de

alta periculosidade. Enquanto a prefeitura não criar estratégias de segurança para o entorno do museu ele não se responsabilizará pela segurança de seus visitantes e, dessa maneira, continuará fora do roteiro turístico de Manaus e não será possível medir a eficiência dele no combate ao desmatamento proposto pelo Fundo Amazônia.

7. Recomendações para elevar a eficiência e eficácia do Fundo Amazônia

A recomendação para o Fundo Amazônia seria a disseminação do conhecimento adquirido com o projeto “Conhecer para Conservar” e os demais para incentivar a prática em outras áreas da floresta Amazônia e outros biomas como a Mata Atlântica e o Cerrado. O desmatamento deve ser contido em todos os locais potencialmente propensos a esse desmatamento e o Fundo Amazônia deve servir de exemplo com seus projetos, estimulando e valorizando a conservação de outros ambientes, além da Floresta Amazônica.

8. Referências Bibliográficas

- FORMENTI, Lígia. País aplica apenas 11% de fundo para proteger Amazônia. O Estado de S.Paulo, 28/04/2013. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,pais-aplica-apenas--11-de-fundo-para-proteger-amazonia-,1026355,0.htm>, acesso em: 28 abr 2013
- FUNDO AMAZÔNIA, disponível em: <http://www.fundoamazonia.gov.br>, acesso em: 17 abr. 2013.
- MUSEU DA AMAZÔNIA, disponível em: <http://www.museudaamazonia.org.br>, acesso em 19 abr. 2013.